

# CONSTRUÇÃO

ano XLVII nº 2411

uma publicação PINI • São Paulo

abril 25/94 CR\$ 7.800,00

---

**ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

## O sinuoso caminho do municipalismo

*Executivos municipais debatem, durante a Prefexpo '94, alternativas para velhos problemas: saneamento, planejamento urbano, saúde e distribuição de recursos e deveres*

---

**ARTIGO**

**José Roberto Bernasconi:  
o Brasil no contexto mundial**

**Nesta edição: Ficha técnica da ABCI para revestimentos de alto desempenho**





## Ron Brown vem aí

**José Roberto Bernasconi**

*Diretor-presidente da Maubertec; presidente do Unicon-Centro de Integração Universidade-Construção e Consultoria; vice-presidente da Fiadic e presidente da Comissão de Relações Internacionais da CBIC*

**R**on Brown, secretário de Comércio dos Estados Unidos, estará no Brasil em junho. Não vem perder tempo, vem ganhar espaços para as empresas de seu país. Ele mesmo anunciou a estratégia, no ano passado: "As empresas americanas com intercâmbio comercial no exterior terão em breve um sócio animado e concentrado na luta pelas vendas: o governo dos Estados Unidos". É uma estratégia mundial e nela se insere o impressionante acordo firmado há poucos dias pelos americanos com a União Européia, em Marra-kesch, abrindo os respectivos mercados de obras e serviços públicos, estimados em 200 bilhões de dólares. Ainda na estratégia da grande ofensiva comercial americana, o governo de Bill Clinton organizará a Cúpula das Américas, em dezembro próximo, reunindo os chefes de governo dos países das três Américas.

Ron Brown é muito bem-vindo. Precedeu-o, em março, o subsecretário de Comércio Jeffrey Garten, que não deixou por menos: "O que acontece aqui será fundamental para o futuro de todo o continente. Precisamos de uma estreita parceria entre Estados Unidos e Brasil para enfrentar os muitos problemas e desafios que estão surgindo no hemisfério".

Na posição daquele país em relação ao Brasil não há concessão ao espírito de relações públicas. Eles são essencialmente pragmáticos e colocaram na balança os 5% de crescimento de nossa economia em 1993, os expressivos resultados das exportações brasileiras, alcançados com eficácia e flexibilidade empresarial, e a redução dos impostos de importação.

Esses e outros pontos positivos revelaram o Brasil real dos anos 90 e Washington não teve dúvidas: rotulou-nos como GME-Grande Mercado Emergente. Isso significa que estamos entre as melhores alternativas para investimento no mundo.

Não é sem tempo. Estava mais do que na hora de os Estados Unidos reconhecerem e valorizarem o enorme esforço de reformulação em curso neste país — e, o que é fundamental, sob a égide da democracia plena. E está mais do que na hora de nós, brasileiros, nos compararmos com os outros GME (China, Índia, ex-URSS, México, Argentina, Chile, Venezuela) e, sem patriotadas, identificarmos, reconhecermos e valorizarmos o quanto significamos.

O que nos faz tão bons? A lista de qualificações é grande, mas nela estão a dimensão geográfica, população (o Brasil é um dos países com maior elasticidade para produzir e consumir), disponibilidade de recursos físicos e minerais e capacidade empreendedora. Estão também o processo de abertura econômica, desestatização, privatização e concessão de obras e serviços, com a revisão do papel e da dimensão do Estado — ainda que tenha ocorrido um engasgo na revisão constitucional.

Um exemplo desse Brasil revitalizado está no aumento de investimentos da indústria automobilística. Devemos a curto prazo nos transformar em grande base produtora e exportadora de carros mundiais, bem como de tratores e caminhões. E já está ocorrendo um fluxo de empresários americanos ao Brasil e ao mercado latino-americano. Empresas americanas de projeto — elas são a cabeça-de-ponte dos produtos, equipamentos e serviços de um país — aumentam seu assédio e participação.

Mas vamos simplesmente ficar à espera do capital internacional? Isso é que não. Somos parte significativa das Américas e, dentro de limites que não são estreitos, estamos em condições de exercer um papel ativo nesse mercado maior, agora privilegiado pela política comercial americana.

Nos Estados Unidos, governo e empresarialmente juntaram-se para defender interesses comuns. São fortes e ainda se organizam. E nós? Em vez de ficarmos receosos, devemos também organizar o jogo brasileiro e participar do jogo latino-americano, com estratégias nacionais e multinacionais. Além de destinatários de investimentos unilaterais, estamos plenamente capacitados a parcerias em empreendimentos dentro e fora de nosso país. Temos todas as condições de concorrer com o capital e o know-how internacionais em empreitadas para implantação de infra-estruturas na América Latina e no mundo. Isso já está acontecendo, com ações pontuais de empresas brasileiras responsáveis por obras importantes não só na América do Sul e na África, mas também nos Estados Unidos e na Europa. Porém, o que unirá, no Brasil, empresários, trabalhadores e governo, para atuarem juntos, articuladamente ligados? Um objetivo nacional, o interesse nacional.

Ron Brown vem aí. Ele é bem-vindo, porque temos muito a mostrar a ele. □